

A REFORMA DA ESTRUTURA SUPERIOR DAS FORÇAS ARMADAS

Um processo apressado e sem propósito entendível

**Sessão de lançamento do livro
Centro Cultural de Belém, 10 de novembro de 2021**

Intervenção do Almirante Fernando Melo Gomes
(Presidente da Assembleia Geral do GREI)

Sendo prática habitual que o autor do livro faça uma breve intervenção aquando do seu lançamento, no caso presente tal será impossível pois a autoria do mesmo compete aos 42 oficiais gerais dos três ramos das Forças Armadas que integram o Grupo de Reflexão Estratégica Independente (GREI).

Como presidente da Mesa da Assembleia Geral, dirijo em seu nome umas singelas palavras, não sobre o conteúdo e contexto do livro brilhantemente apresentado pelo Senhor Professor José Gil, mas focadas nas razões que nos levaram a tomar esta iniciativa e que foram, tão só, orientadas pelo dever cívico de registar em letra de forma um processo que em nossa opinião não dignificou o estado de direito e não serviu ao País nem às Forças Armadas.

Não dignificou o estado de direito porque o poder político não quis ouvir este grupo que detém em si competências únicas no domínio da segurança e da defesa pois é formado por oficiais gerais que desempenharam altas funções nas Forças Armadas e nas Forças e Serviços de Segurança e que uma vez retirados do serviço ativo constituíram esta associação que, *de jure et de facto*, pertence à sociedade civil.

Não serviu ao País porque, adicionalmente, ignorou uma carta, muito crítica das opções tomadas na revisão da estrutura superior das Forças Armadas, subscrita por todos os ex- chefes do Estado Maior General e dos três Ramos sobreviventes (com uma exceção) que desempenharam funções desde a instauração da democracia, com especial relevo para o Senhor general Ramalho Eanes, a que se associaram mais de seiscentos cidadãos, militares dos três Ramos das Forças e figuras prestigiadas da sociedade civil, com destaque para o Senhor professor Cavaco Silva

Mal vai a nossa democracia quando não ouve a voz da sociedade civil e a opinião desinteressada de quem é detentor de um conhecimento impar nas matérias em questão!

Não serviu às Forças Armadas, instituição estruturante e fundadora do estado democrático, porque estabeleceu prioridades erradas. Em vez de

se focar nos problemas que de há muito as degradam e que são, como é irrecusável, uma persistente diluição da sua cultura identitária e distintiva, e a não coincidência dos recursos humanos, financeiros e materiais com as necessidades. É um facto que a estrutura superior das Forças Armadas nunca esteve na origem de quaisquer questões relativas ao cumprimento das missões que não fossem resolúveis por mero despacho clarificador, uma questão de mera conduta de rotina...

Assim, em vez de resolver o necessário, as alterações introduzidas colocaram problemas adicionais que vieram, de imediato, a confirmar as reservas apresentadas pelas atuais chefias dos três ramos das Forças Armadas, a que também nos associámos, evidenciando a emergência de atrito persistente entre a tutela política e as chefias militares e entre estas, criando um clima propício ao desaparecimento de um dos fatores basilares do *múnus* militar e da sua marca cultural identitária – a coesão e a confiança hierárquica. Os resultados estão já à vista.

Com a publicação deste livro, o processo ínvio da “reforma” fica para reflexão e memória futura, na esperança que a voz da razão venha a reconhecer a necessidade de repensar o assunto com “sentido de Estado”.

Por dever e por convicção continuaremos a lutar por aquilo em que acreditamos servindo, como sempre o fizemos, as Forças Armadas e o País sem cuidar de recompensa.

Muito obrigado a todos os presentes.